

□ Tempo de leitura: 4 min.

Na biografia de um famoso abade, a emoção do encontro com Dom Bosco.

Hoje em dia é muito fácil encontrar um santo de altar; isso já me aconteceu várias vezes. Conheci vários: o Cardeal de Milão Ildefonso Schuster (que me crismou) e os Papas João XXIII e Paulo VI; com Madre Teresa conversei; com o Papa João Paulo II até almocei. Mas, há um século, não era tão fácil, portanto, aproximar-se pessoalmente de um santo de altar foi uma experiência que ficou gravada na mente e no coração da pessoa afortunada. Esse foi o caso do abade trapista francês P. Edmundo Obrecht (1852-1935). Em 1934, quando Dom Bosco foi canonizado, três dias após a cerimônia solene, ele confidenciou ao editor do semanário católico norte-americano Louisville Record sua grande satisfação por ter conhecido pessoalmente o novo santo, por ter apertado sua mão e por ter almoçado com ele. O que aconteceu? O episódio é relatado em sua biografia.

Quatro horas com Dom Bosco

Nascido na Alsácia em 1852, Edmundo Obrecht tornou-se monge trapista aos 23 anos de idade. Assim que se tornou sacerdote, em 1879, o padre Edmundo foi enviado a Roma como secretário do Procurador Geral das três Observâncias Trapistas, que em 1892 seriam unidas em uma única Ordem, com a casa geral da Trapa das Três Fontes na capital italiana.

Durante sua estada em Roma, ele teve o domingo livre e aproveitou para celebrar com seus irmãos cistercienses na basílica de Santa Cruz de Jerusalém. O celebrante titular era o Vigário de Roma, Cardeal Lúcido Maria Parocchi, de modo que o Padre Edmundo teve a oportunidade de servi-lo várias vezes em serviços pontifícios solenes e de conhecê-lo bem.

Ora, em 14 de maio de 1887, estava programada a consagração da Igreja do Sagrado Coração em Roma, ao lado do que hoje é a estação Términi: uma igreja magnífica que havia custado uma fortuna a Dom Bosco e pela qual ele havia dado “corpo e alma” para conseguir concluí-la. Ele foi bem-sucedido e, apesar de sua saúde, então bastante comprometida (ele morreria oito meses depois), quis participar da cerimônia solene de consagração.

Para essa longa celebração (cinco horas a portas fechadas), o Card. Parocchi foi acompanhado pelo padre Edmundo. Foi uma experiência decididamente inesquecível para ele. Ele escreveria 50 anos depois: “Durante aquela longa cerimônia, tive o prazer e a honra de sentar-me ao lado de Dom Bosco no

presbitério da igreja e, após a consagração, fui admitido na mesma mesa dele e do cardeal. Foi a única vez em minha vida que tive contato próximo com um santo canonizado e a profunda impressão que ele causou em mim permaneceu em minha mente por todos esses longos anos”. Padre Edmundo tinha ouvido falar muito de Dom Bosco, que, em uma época em que as relações diplomáticas da Santa Sé com o novo Reino da Itália estavam se rompendo, era tido em alta estima e consideração pelos políticos da época: Zanardelli, Depretis, Nicotera. Os jornais falavam de suas intervenções para resolver algumas questões sérias relativas à nomeação de novos bispos e à tomada de posse das propriedades de cada diocese. O P. Edmundo não se contentou com essa experiência inesquecível. Mais tarde, em uma viagem, ele passou por Turim e quis parar para visitar a grande obra salesiana de Dom Bosco. Ele ficou admirado e só pôde se alegrar no dia de sua beatificação (2 de junho de 1929).

Post Scriptum

No dia anterior à consagração da Igreja do Sagrado Coração, 13 de maio de 1887, o Papa Leão XIII concedeu a Dom Bosco uma audiência de uma hora no Vaticano. Ele foi muito cordial com ele e até brincou dizendo que Dom Bosco, devido à sua idade, estava perto da morte (mas ele era mais jovem que o papa!), mas Dom Bosco teve um pensamento que talvez não ousasse expressar ao papa pessoalmente. Ele o fez alguns dias depois, em 17 de maio, ao sair de Roma: perguntou-lhe se poderia pagar todo ou parte do custo da fachada da igreja: uma bela soma, 51.000 liras [230.000 euros]. Coragem ou atrevimento? Extrema confiança ou simples insolência? O fato é que, alguns meses depois, em 6 de novembro, Dom Bosco voltou à carga e pediu a intervenção de Dom Francisco della Volpe, prelado doméstico do Papa, para obter – escreveu – “a soma de 51.000 francos, que a caridade do Santo Padre lhe fazia esperar que ele mesmo iria pagar... nosso Ecônomo está indo a Roma para liquidar as despesas dessa construção; ele irá à Vossa Excelência para obter a melhor resposta possível.” Ele garantiu que “nossos mais de trezentos mil órfãos rezam todos os dias por Sua Santidade”. E concluiu: “Por favor, perdoe esta minha escrita pobre e feia. Não consigo mais escrever”. Pobre Dom Bosco: em maio, naquela igreja, celebrando diante do altar de Maria Auxiliadora, chorou várias vezes porque viu realizado o sonho dos nove anos; mas seis meses depois seu coração ainda estava angustiado porque, diante da morte que sentia estar próxima, deixava uma pesada dívida para liquidar as contas daquela mesma igreja.

Para isso, ele realmente passou vários anos, “até seu último suspiro”. Pouquíssimas das dezenas de milhares de pessoas que passam por ela todos os dias ao sair da

estação Términi pela Via Marsala sabem disso.